

4

A democracia como forma de vida

Neste capítulo, examinaremos de forma mais específica a teoria e a filosofia políticas de John Dewey ressaltando alguns de seus elementos que de forma mais direta nos conduzem à sua idéia de democracia.

4.1

Educação

*Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele.*¹

Uma das obras mais conhecidas de Dewey é “Democracia e Educação”. O livro à primeira vista é dedicado à pedagogia, mas aos olhares mais atentos se revela um primoroso trabalho sobre a democracia.² Seria falacioso afirmar que a intensa relação entre democracia e educação, como observada pelo autor, está presente somente nesse livro. Em todo o seu pensamento encontramos tal

¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 16ª ed., p. 59.

O pensamento de Dewey em relação à educação no Brasil foi recepcionado a princípio por Anísio Teixeira, aluno do pragmatista que chegou a traduzir livros seus para o português. As idéias trabalhadas neste capítulo a respeito da pedagogia deweyana encontram reflexos em obras de Anísio Teixeira como “Educação é um direito” (Rio de Janeiro, UFRJ, 1996). O já citado “Pedagogia da Autonomia”, de Paulo Freire, é outra obra em que facilmente se nota a influência do pragmatista. Contudo, o que mais merece destaque nas obras desses dois autores brasileiros é a forma como foram capazes de, ao mesmo tempo em que assimilaram os conteúdos pedagógicos do pragmatista estadunidense, escreverem suas obras levando em conta de forma brilhante a realidade social brasileira. O resultado disso é que, ao contrário do que encontramos na maioria dos casos de produção de conhecimento brasileiro, idéias pátrias a respeito da educação, pautadas na realidade social de um país de periferia, têm sido exportadas, de forma a basilar estudos em países centrais.

² Até mesmo os críticos da obra de Dewey reconhecem a preciosidade de “Democracia e Educação”: “Além disso, todos esses conceitos estão costurados num sistema filosófico que parece coerente e plausível, tanto que se torna até difícil identificar um ponto estratégico de crítica.” (“Furthermore, all of these concepts are woven together in a philosophical system that appears at once coherent and plausible, so much so that it may seem to identify a strategic point of criticism.”) (EDMONDSON III, Henry T. *John Dewey and the decline of american education: how the patron saint of schools has corrupted teaching and learning*. Delaware: ISI, 2006, p. 12).

conexão, de forma que, a fim de não corrompermos o retrato de suas idéias, se torna inafastável escrevermos, ainda que algumas linhas, sobre educação, neste trabalho sobre democracia em Dewey. Ressalte-se que a discussão sobre educação travada neste trabalho possui o fito específico de apontar características da democracia no pensamento de Dewey.

Dewey diz que a democracia constitui um princípio educativo. Para muitos, essa frase significa que um governo que se funda no sufrágio popular somente pode ser eficiente se os que o elegem e obedecem são educados para isso, ou seja, se têm acesso ao instrumental de informações que adequadamente lhes permitirá a atuação como cidadãos democráticos.³

No entanto, para Dewey “uma democracia é muito mais que uma forma de governo; é, primeiramente, uma forma de vida associada, de experiência conjunta e mutuamente comunicada.”⁴ O autor ressalta que se refere apenas em menor grau à participação dos cidadãos nas eleições e muito mais à idéia de que a democracia faz recair em nós a responsabilidade de considerar o que desejamos como indivíduos e quais são nossas necessidades e preocupações. Da mesma forma que a democracia exige que, no jogo político, cada indivíduo forme suas convicções, as expresse e tenha a oportunidade de fazer com que as mesmas influam nos rumos do governo, cada pessoa somente é educada no sentido de Dewey quando, além do contato com o livro-texto e com a fala do professor, tem a oportunidade de contribuir para o processo educativo com sua própria experiência pessoal. Assim como a educação está em relação íntima com a democracia, esta não consegue se desenvolver sem aquela; uma vez que a escola é o agente especial de distribuição dos valores e finalidades de um grupo social, se não estiver aliada à forma democrática, representará uma ameaça a ela.⁵ Vejamos de que forma o autor desenvolve tais idéias.

Dewey inicia “Democracia e Educação” escrevendo sobre a continuidade da vida. Afirma que a vida não depende da permanência eterna da existência de nenhum indivíduo em particular, mas, por outro lado, que persevera nas mesmas espécies ou em formas mais complexas. E entre os seres humanos é pela educação que ocorre a continuidade da vida, a partir de seu papel de transmissora das

³ DEWEY, John. *Democracia e educação*, ob. cit., p. 93.

⁴ Idem.

⁵ DEWEY, John. *El hombre y sus problemas*, ob. cit., pp. 42-5.

experiências vividas. Os fatos inelutáveis de nascimento e morte indicam a necessidade da educação: com o crescimento da civilização, a lacuna entre as capacidades originais do imaturo e os padrões dos mais velhos aumenta, o que requer algum mecanismo que repasse aos mais novos o que já foi desenvolvido pelos que vieram antes dele. O processo de comunicação, em cuja transmissão consiste rudimentarmente a educação, é processo de participação da experiência para que esta se torne patrimônio comum.⁶

Nós nascemos seres orgânicos, já associados com outros, mas não membros de uma comunidade, como discutido no capítulo II deste trabalho. Por essa razão os jovens precisam ser trazidos para as tradições e visões que caracterizam a comunidade por meio da educação.

O fato de um grande número de indivíduos compartilhar mesmos os interesses, os sociais, de forma que cada um tenha que pautar suas próprias ações pelas dos outros e considerar as alheias ao orientar as suas próprias, exige que se criem certas atitudes pessoais, quais sejam: a iniciativa pessoal; a adaptabilidade; e o pensar livre, imaginativo, criativo, crítico e reflexivo.⁷

Neste ponto, Dewey convoca a noção de hábito e diz que, por conta dela, tivemos mais continuidades que mudanças históricas, já que eles geram interesse, habilidade e facilidade nas coisas nas quais nos acostumamos e medo em relação a caminhos diferentes. Dewey diz que, por ignorarem a influência do hábito, as pessoas ainda não entendem como as mudanças trazidas pela aplicação tecnológica revolucionaram as condições em que a vida associativa opera; que não entendem como a mudança se deu ou como afeta sua conduta, o que os impossibilita, assim, de controlar e se aproveitar de suas manifestações; o resultado é serem consumidos pelas conseqüências.⁸ A atividade educativa, por outro lado, propicia o conhecimento das relações ou conexões que antes não eram percebidas, resultando num aumento ou enriquecimento do sentido ou significação da experiência.⁹

É importante ressaltar que o meio não determina os hábitos, mas fornece condições que estimularão certos modos de agir. Nunca educamos diretamente

⁶ DEWEY, John. *Democracy and education*. New York: Dover, 2004, pp. 1-10.

⁷ DEWEY, John. *Creative democracy: the task before us*. In: ALEXANDER, Thomas M. HICKMAN, Larry A. (ed.). *The essential Dewey*, ob. cit., p. 342 e DEWEY, John. *Democracia e educação*, ob. cit., p. 93.

⁸ DEWEY, John. *The public and its problems*, ob. cit., pp. 159-61.

⁹ DEWEY, John. *Democracia e educação*, ob. cit., p. 84.

através do meio, mas sim indiretamente; assim, há diferença se permitimos que o meio se estabeleça à sorte ou se o influenciemos para o fim da educação que desejamos, para as escolas.¹⁰

Esse meio arquitetado tem 3 funções: 1) proporcionar um ambiente simplificado, com a divisão do conhecimento em frações, necessidade gerada pelo fato de ter se tornado tão complexo; 2) eliminar as características do meio social que influenciam os hábitos mentais de forma desvantajosa; 3) equilibrar os vários elementos do meio social de modo que cada indivíduo tenha oportunidade de escapar das limitações do grupo social em que nasceu e entrar em contato com um meio mais amplo. No início do século XX Dewey já escrevia que, numa realidade de diversidade de grupos cada vez mais intensa, é preciso promover um meio equilibrado para a juventude. Nesse quadro, a educação assume a função de coordenadora das diversas influências dos diferentes grupos de que cada um participa, já que a sociedade moderna se compõe de muitas sociedades mais ou menos frouxamente entrosadas entre si.¹¹

Para Dewey, a escola deveria ser uma reprodução o mais fiel possível da vida na sociedade, representando a vida presente tal como a criança a encontra em casa e na vizinhança. Por isso, a escola deveria ser uma simplificação da vida social existente, de modo a, reduzindo sua complexidade, permitir que a criança não encare a confusão e distração da sociedade antes que desenvolva habilidades para lidar com elas.¹²

As idéias de hábito como algo rígido e mecânico e imaturidade como deficiência equivalem a uma idéia de crescimento que Dewey procura descartar, segundo a qual este teria um fim, ao invés de ser o seu próprio fim. Em oposição, Dewey defende que o desenvolvimento ou crescimento só é relativo a mais desenvolvimento ou crescimento, portanto a educação somente se subordina à própria educação.¹³ A idéia de que a imaturidade das crianças é vista como falta de algo, como prega/pregava a educação criticada por Dewey, resulta em que a educação deva preencher lacunas ausentes; em contrário, Dewey defende que a

¹⁰ DEWEY, John. *Democracy and education*, ob. cit., pp. 10-22.

¹¹ *Ibid.*, pp. 16-22.

¹² DEWEY, John. *My pedagogic creed*. In: ALEXANDER, Thomas M. HICKMAN, Larry A. (ed.). *The essential Dewey*, ob. cit., pp. 230-1.

¹³ “O contraste essencial da idéia de educação como uma reconstrução contínua, com as outras concepções unilaterais que foram criticadas neste capítulo e no antecedente, é que ela identifica o fim (o resultado) com o processo.” (DEWEY, John. *Democracia e educação*, ob. cit., p. 85.).

educação se torne “a empresa de suprir as condições que asseguram o crescimento ou desenvolvimento”. O valor da educação está em suscitar o desejo contínuo de crescimento e propiciar meios para isso.¹⁴

Dewey diz que o processo educativo é um contínuo reorganizar, reconstruir, transformar: “Educação é uma reconstrução ou reorganização da experiência, que esclarece e aumenta o sentido desta e também a nossa aptidão para dirigirmos o curso das experiências subseqüentes.”¹⁵ Para o autor, a educação é um processo, em continuidade. No entanto, nas escolas os alunos com freqüência são vistos como espectadores, passivos absorvedores do conteúdo, não como pessoas que passam por experiências frutíferas.

Para Dewey, a educação consiste na prática da atividade do pensamento ou reflexão, “[n]o discernimento da relação entre aquilo que tentamos fazer e o que sucede em conseqüência.”¹⁶ Nesse contexto, a experiência pode ser de dois tipos, dependendo de como se der a reflexão: 1) “experiência e erro”, onde a ação fica à mercê das circunstâncias ao ignorarmos como as tentativas se associam; e 2) “reflexiva”, quando levamos a observação mais adiante, procurando ligar a causa ao efeito. Para Dewey, “Pensar é o esforço intencional para descobrir as *relações específicas* entre uma coisa que fazemos e a conseqüência que resulta, de modo a haver continuidade entre ambas”¹⁷, ou seja, tornar explícito o elemento inteligível da nossa experiência; é considerar o influxo da ocorrência sobre o que pode suceder, mas ainda não sucedeu.

Segundo o pragmatista, os aspectos gerais de uma experiência reflexiva são: 1) perplexidade, confusão e dúvida; 2) uma previsão conjuntural; 3) um cuidadoso exame das considerações possíveis e que definam ou esclareçam o problema; 4) elaboração de tentativa de hipótese, harmonizando a questão com mais uma série de circunstâncias; 5) partir para o plano de ação a partir da hipótese concebida. Os atos 3 e 4 tornam uma experiência reflexiva. Onde há reflexão há incerteza e dúvida. A pesquisa não é exclusiva dos cientistas, mas todo ato de pensar é inquirir, é uma pesquisa, envolve um risco. A dúvida é um recurso importante, seu reconhecimento e valorização originaram o desenvolvimento científico moderno. A educação teria o papel, conforme o autor,

¹⁴ DEWEY, John. *Democracia e educação*, ob. cit., p. 55.

¹⁵ *Ibid.*, p. 83.

¹⁶ *Ibid.*, p. 158.

¹⁷ *Ibid.*, p. 159.

de propiciar que esse tipo de pensamento crítico, debatedor e inquietante estivesse cada vez mais presente nas relações sociais.

Com base na discussão já levada a cabo neste item do trabalho podemos apresentar algumas características da proposta de pedagogia de Dewey.

O autor afirma que não se deve presumir experiência por parte dos alunos; é indispensável uma situação empírica atual para engatilhar o ato de pensar. A primeira apresentação de um assunto na escola deve ser o menos acadêmica possível, a partir de situações da vida que provoquem interesse, como um jogo. A apresentação e matérias em forma de problemas é recomendada, desde que estes não sejam simulados, mas tenham surgido naturalmente e se relacionem com o cotidiano dos alunos.¹⁸ Ainda, segundo o autor, nenhum pensamento pode ser transferido como idéia de uma pessoa para outra. A comunicação, por parte do professor, pode servir de estímulo para o aluno compreender a questão e conceber uma idéia semelhante tanto quanto pode abafar seu interesse intelectual e aniquilar seu esforço reflexivo.¹⁹ Por essas razões, as idéias são elementos intermediários e não finais do aprendizado, ou seja, é preciso que sejam aplicadas, não “fixadas”. Dessa forma, Dewey prega o contrário do que encontrava nas escolas, onde os alunos eram passivos espectadores do ensino e reconheciam a inutilidade e inaplicabilidade na vida prática dos conteúdos escolares.²⁰

Por conta das observações acima, Dewey também critica a organização tradicional das disciplinas oferecidas pela escola. Para o pragmatista, a criança não deveria ser introduzida de uma só vez a um grande número de disciplinas distantes de sua vida social. Ao invés de literatura, geografia ou história, nas

¹⁸ É importante que fique claro que Dewey defende que sejam apresentados dados para suprir as considerações indispensáveis à análise e à percepção de dificuldades específicas que tenham se apresentado por si mesmas na situação de experiência. A observação direta é interessante, mas nem sempre poderá estar presente; para Dewey, é importante que na educação se adquira a aptidão de suprir a deficiência das experiências adquiridas pessoalmente pelas de terceiros. A educação deweyana não se trata de considerar exclusivamente a experiência, mas sim de privilegiá-la. (DEWEY, John. *Democracia e educação*, ob. cit., pp. 172-4).

Também é válido acrescentar que a instrução que não se encaixa em nenhum problema já presente na experiência do aluno, ou que não se apresente de forma a incitar um questionamento nessa experiência, é inútil para os propósitos intelectuais, diz Dewey, pois não se torna reflexiva. Nós assimilamos novos conhecimentos a partir do que digerimos e retemos das experiências anteriores; assim, ao invés de perguntar “Vocês se lembram do que aprendemos no livro texto na semana passada?”, o professor deveria indagar aos alunos “Vocês se lembram disso e daquilo que viram ou de que ouviram falar?”. De outra forma, os alunos são ensinados a viver em dois mundos separados: o dos livros e lições, de um lado, e aquele da experiência de fora da escola, por outro. (DEWEY, John. *How we think*. New York: Dover, 1997, pp. 199 e 200).

¹⁹ DEWEY, John. *Democracia e educação*, ob. cit., p. 175.

²⁰ *Ibid.*, pp. 174-6.

próprias atividades sociais da criança deveria consistir a verdadeira correlação entre as diversas disciplinas da escola. E para trabalhar a atividade social da criança Dewey aposta no que chama de atividades construtivas ou ocupações, ou seja, atividades que reproduzem ou são semelhantes a trabalhos realizados na vida social.²¹ Assim, valoriza afazeres como cozinhar, costurar e trabalhos manuais na escola;²² mas não como atividades especiais ou de recreação, e sim como meios para que a criança seja apresentada às disciplinas mais formais do currículo.²³

Daí depreendemos o grande valor que o autor atribui ao que chama de interesse no processo educativo. Segundo Dewey, os interesses são sinais e sintomas de que capacidades estão se desenvolvendo. Atenção aos interesses do aluno se torna, portanto, tarefa primordial ao educador, que orientará os próximos passos deste ao indicar para que tipo de conteúdo a criança está pronta e que material pode ser utilizado de forma a produzir resultados mais frutíferos. Portanto:

Reprimir o interesse é substituir a criança pelo adulto e enfraquecer a curiosidade e a prontidão intelectual, suprimir a iniciativa (...) o interesse é sempre o sinal de algum poder que está abaixo; o importante é descobrir esse poder.²⁴

O professor que em suas aulas propicia o entusiasmo e estimula a curiosidade dos alunos já está exercendo sua tarefa de forma competente, segundo os escritos acima. Mas, para Dewey, ainda é preciso mais que isso: é necessário que o estímulo despertado em direção à ampliação dos objetos e objetivos do estudo se transforme em poder, ou seja, na atenção aos detalhes que garante a maestria sobre os meios de execução de uma ação.²⁵ O isolamento das escolas em relação à vida dos alunos, para Dewey, deve ser combatido majoritariamente através do incentivo do conhecimento a respeito da ação. Nesse âmbito, em relação às disciplinas que integram o currículo do ensino, Dewey defende que não sejam ensinadas simplesmente como informação sobre a sociedade, mas sim em

²¹ WESTBROOK, Robert B. *John Dewey and american democracy*, ob. cit., p. 101.

²² Qualquer disciplina, de grego a cozinhar, de desenho a matemática, é intelectual, não na sua estrutura interna, mas na sua função, ou seja, no poder de estimular o início e direcionar a investigação e a reflexão significativas, nos diz Dewey. Uma disciplina é intelectual à medida que é bem sucedida em propiciar o crescimento de alguma pessoa. (DEWEY, John. *How we think*., ob. cit., pp. 39 e 46).

²³ DEWEY, John. *My pedagogic creed*, ob. cit., p. 232.

²⁴ “To repress interest is to substitute the adult for the child, and so to weaken intellectual curiosity and alertness, to suppress initiative, and to deaden interest. (...) the interest is always the sign of some power below; the important thing is to discover this power.” (Ibid., pp. 233-4).

²⁵ DEWEY, John. *How we think*, ob. cit., p. 220.

conexão com as ações realizadas, que necessitam sê-lo e como poderiam ser engendradas.²⁶

Dessa forma, sendo apresentada a um ambiente democrático e de cooperação social e convivendo nele diariamente na escola, a criança seria capaz de vivificar o ideal da engenharia social quando, ao se deparar com a realidade fora dos muros do colégio, permanecesse agindo de acordo com os hábitos estimulados no contexto escolar.

Dewey nos aponta oposições observadas na estrutura do ensino. Enquanto a criança, imatura, chega à escola trazendo em sua bagagem apenas o seu mundo estreito e pessoal, o adulto exige dela que não se incomode com o fato de o seu mundo ser muito mais extenso e dele fazerem parte complexidades como considerações sobre espaço e tempo. Enquanto a criança chega à escola com a noção de integralidade das coisas, unidas apenas pelo interesse nutrido por elas, o adulto lhe apresenta um mundo com aspectos isolados, especializações e divisões, como as diferentes disciplinas do currículo.²⁷ Por fim, antiteticamente às ligações emocionais e práticas da vida da criança, o adulto insere princípios abstratos como classificação lógica.²⁸ Esses são os fundamentos para a severa crítica que Dewey faz à educação de sua época:

Subdivida cada tópico em temas; cada tema em lições; cada lição em fatos e fórmulas específicos. Deixe que a criança proceda passo a passo à maestria de cada uma dessas partes separadas (...) Problemas de instrução são problemas de obtenção de textos oferecendo seqüências e partes lógicas e apresentando essas frações em sala de aula numa forma similarmente precisa e gradual. (...) A criança é simplesmente o ser imaturo que deve ser desenvolvido; o ser superficial que deve ser aprofundado; a sua experiência é aquela que é estreita e que deve ser expandida. Ela deve receber, aceitar. Sua parte está preenchida quando é maleável e dócil.²⁹

O resultado disso é a conclusão seguinte:

²⁶ DEWEY, John. *El hombre y sus problemas*, ob. cit., p. 60.

²⁷ Dewey nos diz que, em algumas disciplinas escolares, os alunos são imersos em detalhes, suas mentes repletas por itens desconexos. À mente é permitido passar rapidamente por uma vaga noção de um todo composto por partes fragmentárias, sem que se exercite a tomada de consciência de como as partes constituem o todo (DEWEY, John. *How we think*, ob. cit., pp. 96-7).

²⁸ DEWEY, John. *The child and the curriculum*. In: ALEXANDER, Thomas M. HICKMAN, Larry A. (ed.), ob. cit., p. 237.

²⁹ “Subdivide each topic into studies; each study into lessons; each lesson into specific facts and formulae. Let the child proceed step by step to master each one of these separate parts (...) Problems of instruction are problems of procuring texts giving logical parts and sequences, and of presenting these portions in class in a similar definite and graded way. (...) The child is simply the immature being who is to be matured; he is the superficial being who is to be deepened; his is narrow experience which is to be widened. It is his to receive, to accept. His part is fulfilled when he is ductile and docile.” (DEWEY, John. *The child and the curriculum*, ob. cit., p. 238.).

(...) quão pouco se fez efetivamente para conseguir que a ciência e a técnica se transformem nos agentes ativos para criar as atitudes e disposições e assegurar os tipos de conhecimentos capazes de superar os problemas dos homens e mulheres contemporâneos.³⁰

Em oposição, Dewey perfilha o processo educativo onde a criança é o ponto de partida, o centro e o fim e cujo ideal é o crescimento do aluno. Para esse ponto de vista, o “conhecimento” não pode ser inserido, de fora para dentro, na criança: o aprendizado é ativo.³¹

Como explica Damico, para Dewey o crescimento³² é social, não apenas individual, já que o indivíduo isoladamente pode fazer pouco para regular as condições que regem sua vida, considerando que esta ocorre em sociedade. Dessa forma, o crescimento fica comprometido na ausência de uma comunidade que propicie instituições forjadas para esse propósito e relações sociais em sintonia com ele.³³ Eis o papel da educação: oferecer um ambiente que propicie que os cidadãos, ainda crianças, tenham experiências democráticas.

Com essas idéias Dewey expressa sua esperança no progresso social através da educação, que, por sua vez, seria operada por meio da reconstrução dos hábitos. Uma visão de uma futura sociedade com desejos e intenções diferentes poderia ser formada através de trato especial dos impulsos dos jovens, defendia Dewey. Para o autor, através da educação a sociedade dirigiria a atividade de seus membros mais novos e determinaria seu próprio futuro.

“Eu acredito que a educação é o método fundamental de progresso social e reforma”, de reconstrução social, diz Dewey, para quem as demais reformas baseadas apenas na produção de leis ou na ameaça com penalidades são transitórias e fúteis. Através da discussão e da agitação social, a sociedade é capaz de se regular de forma não planejada, ao acaso, enquanto por meio da educação propósitos sociais podem ser formados, e também os recursos e meios para serem atingidos.³⁴

³⁰ “ (...) cuán poco se ha hecho efectivamente para lograr que la ciencia y la técnica se transformen en agentes activos para crear las actitudes y disposiciones y asegurar los tipos de conocimientos capaces de superar los problemas de los hombres y mujeres contemporâneos.” (DEWEY, John. *El hombre y sus problemas*, ob. cit., p. 38).

³¹ DEWEY, John. *The child and the curriculum*, ob. cit., p. 238.

³² Este termo é aqui utilizado conforme as considerações apresentadas acerca dele no primeiro capítulo deste trabalho.

³³ DAMICO, Alfonso, ob. cit., p. 31.

³⁴ DEWEY, John. *My pedagogic creed*, ob. cit., p. 234.

Uma das preocupações centrais de Dewey em suas obras é provocar a reforma social e, para isso, pensa o autor que a reforma da educação é requisito. A categoria de hábito é a ferramenta de Dewey para fugir da dualidade consciente x inconsciente, permitindo que se valorize a criatividade do agente ao mesmo tempo em que se rejeita a idéia de uma razão universal determinante, em último caso, da conduta humana. Isso significa que é possível, ainda que indiretamente, influenciar a reorganização e reconstrução de hábitos em alguma direção determinada, no caso formas de vida democráticas. Assim, propiciar que não só as crianças, imaturas, mas também os adultos tenham experiências em um meio democrático significa possibilitar que se criem hábitos democráticos.

Além disso, considerando que a democracia é uma forma de vida específica, não algo que naturalmente brota da essência do ser por algum motivo, é necessário que as pessoas sejam apresentadas a essa forma de vida democrática e que detenham os meios para se desenvolverem numa cultura democrática, papéis a serem propiciados pela educação de acordo com Dewey. Por isso, a escola deve ser colocada a serviço da sociedade democrática, o que equivale a dizer que essa instituição deve servir ao modo de vida democrático.³⁵

³⁵ DEWEY, John. *El hombre y sus problemas*, ob. cit., p. 56.

“Experience and education” foi escrito em 1938, 22 anos após Dewey ter escrito “Democracia e Educação” e de ter ouvido as críticas teóricas e práticas ao que aquele livro despontava. Naquela obra, Dewey demonstra uma preocupação no sentido de deixar claro que nem todos que clamavam seguir a pedagogia que o autor pregava de fato o faziam; ele alerta que muitos daqueles que se clamariam seus discípulos na verdade seriam mais vítimas dos antigos dualismos filosóficos, tão criticados por ele. Isso pois, ao receberem a crítica deweyana a respeito da pedagogia tradicional, a teriam rechaçado por inteiro e não teriam sido capazes de manter os aspectos positivos da educação estabelecida; uma oposição não reflexiva não é o caminho, nos lembra o pragmatista. Tal cenário nos é particularmente interessante pois, diante desse quadro, Dewey procurou esclarecer algumas de suas idéias principais a respeito da pedagogia que pregava. Em resumo, foi com o propósito de responder a críticas como a seguinte, e se posicionar no sentido de que *não era isso que queria dizer*, que Dewey escreveu “Experience and Education” : “Dewey, no entanto, deixaria de lado toda aquela continuidade e, pelos meios duvidosos da experimentação, embarcaria na procura quimérica por uma educação totalmente nova, uma busca mais reconhecida por sua oposição a tudo que já veio antes.” (“Dewey, however, would cast that entire continuum aside and, by the dubious means of experimentation, embark upon the chimerical quest for a wholly new education, a pursuit best distinguished by its opposition to all that has come before.”). EDMONDSON III, Henry T, ob. cit., p. 112.).

A principal crítica feita ao autor consistia em atribuir, a suas idéias, práticas de escolas baseadas na premissa de que as crianças deveriam ser incentivadas a fazer o que quisessem, alegando-se a valorização de sua liberdade. Isso acabava por resultar numa ausência praticamente total de qualquer tipo de controle e num esvaziamento das funções do professor. Edmondson, por exemplo, nos diz que: “para Dewey, a criança precisa de pouca disciplina ou correção. Ao invés disso, o dever do professor é entender e seguir o interesse e o ‘impulso’ do aluno.” (“for Dewey, the child needs little discipline or correction. Instead, the teacher’s duty is to understand and follow the student’s interest and ‘impulse’”). EDMONDSON III, Henry T, ob. cit., p. 23.).

É preciso esclarecer que, a partir das idéias apresentadas acima a respeito da educação, Dewey não imagina que esta é capaz de, de pronto, condicionar os indivíduos a encarar os deveres e responsabilidades exigidos pela vida democrática. Nas condições complexas da vida contemporânea, disse Dewey em 1952, tal idéia é falaciosa. É preciso, e por isso a tarefa educativa se torna tão desafiadora, que a escola possibilite o aprendizado das futuras gerações a respeito das forças sociais operantes, as direções em que se movem e a forma como se relacionam; e também as conseqüências que produzem e aquelas que produziram caso tais forças fossem entendidas e manejadas com inteligência. Somente neste

Em relação a essas críticas, Dewey afirma que o controle das ações individuais existe em toda situação em que os indivíduos estão envolvidos, em que partilham e são cooperativos ou partes que interagem. Mesmo num jogo competitivo há regras a serem respeitadas. Assim, não é a vontade ou desejo de qualquer pessoa que estabelece a ordem, mas sim o espírito de todo o grupo; o controle é social, mas os indivíduos são parte dessa comunidade. Mesmo quando um professor, pai ou mãe exercem a autoridade em relação à criança, eles o fazem como representantes e agentes dos interesses do grupo como um todo. Nas novas escolas, a fonte primária do controle reside na natureza do trabalho em que todos os indivíduos têm a oportunidade de contribuir e em relação ao qual todos sentem responsabilidade. Nem todos os alunos responderão dessa forma, diz Dewey, mas os que não o fizerem representarão casos específicos a serem tratados individualmente pelo professor, que precisará fazer o melhor de si nessas situações. A falta de controle nas escolas progressistas se deu pela ausência de planejamento que propiciasse situações em que os alunos fossem colocados diante do exercício do controle sobre eles mesmos e sobre os demais. O fato de o planejamento tradicional ser rígido não significa que não se deva planejar; mas, pelo contrário, o educador progressista possui a tarefa de instituir um plano mais inteligente e, conseqüentemente, mais difícil, e flexível o suficiente, para permitir o livre jogo da individualidade e firme o bastante de forma a direcionar o contínuo desenvolvimento do controle. Na nova escola o professor não é excluído do direcionamento das atividades, mas, ao invés de um ditador ou chefe externo, se torna um líder das atividades de grupo.

Sobre a liberdade, Dewey afirma que o erro mais comum em relação a ela é identificá-la exclusivamente com a liberdade de movimento, que o autor denomina liberdade externa. É verdade que ela não está separada da interna e que as carteiras e fileiras militares fixas da escola tradicional representam uma restrição à liberdade mental e moral, mas a liberdade de movimento ainda assim é um meio, não um fim. Os impulsos e desejos naturais são o ponto de partida, mas só há crescimento intelectual com alguma reconstrução e refazer dos mesmos e a ausência de controle externo não significa isso necessariamente.

A reação às idéias acima é dizer que o fato de o adulto exercer sua sabedoria mais madura significa meramente impor um controle externo. No entanto, Dewey nos diz que a maturidade do adulto permite que ele julgue a experiência do jovem de forma que este não o pode fazer; é papel do educador observar a que direção a experiência está se dirigindo. O educador deve ser capaz de julgar quais atitudes estão verdadeiramente conduzindo ao crescimento continuado e quais estão em detrimento dele. A necessidade de educadores que disponham de habilidades como essas é o que torna a educação progressista mais difícil que a tradicional. (DEWEY, John. *Experience and education*. New York: Touchstone, 1997.).

Como Westbrook afirma, a partir dos escritos pedagógicos de Dewey, e mesmo dos relatos das oportunidades em que os concretizou, é difícil compreender o por quê de tantos atribuírem ao pragmatista a proposta de uma educação progressiva sem objetivos e outras críticas. Dewey explicitamente estabeleceu objetivos curriculares, valorizava o conhecimento acumulado pela humanidade, defendia que os alunos precisavam ler, escrever, contar, pensar cientificamente. A diferença é que defendia métodos radicais para isso (WESTBROOK. Robert B. *John Dewey and american democracy*, ob. cit., p. 104). Damico também apresenta a mesma surpresa em relação à confusão que muitos autores estabeleceram a partir das ideias de Dewey (DAMICO, Alfonso, ob. cit., p. 34).

caso as escolas atenderiam de fato ao chamado da democracia, quando oferecessem uma compreensão do movimento e direção das forças sociais e uma compreensão acerca das necessidades coletivas e dos recursos necessários para satisfazê-las. Enquanto os recursos da inteligência social estiverem atuando na sociedade em condições políticas e econômicas não favoráveis à conservação da democracia, como Dewey imaginava que ocorria à sua época, as perspectivas da democracia estarão inseguras.³⁶ Vejamos a seguir a que o autor se refere quando suscita a noção de “inteligência social”.

4.2

Inteligência social e Engenharia social

“Eu louvo todo o ceticismo que me permite que lhe responda: ‘Pois muito bem! Tentemos’. Mas não quero voltar a ouvir falar em nenhuma questão que não autorize a experiência. Tal é o limite do meu ‘senso da verdade’; pois a partir daí a coragem perde o seu direito.”³⁷

Um exame apropriado da teoria política e democrática de John Dewey nos impele a tratar da noção de “inteligência social”. Para o pragmatista, as críticas correntes à sua época que alegavam que o ser humano não possuía a inteligência capaz de levar adiante as pretensões democráticas estavam infundadas. De acordo com o autor, a versão individualista da inteligência deveria ceder lugar a uma visão social.³⁸

A visão da inteligência como algo que surgiria da associação de sensações e sentimentos isolados do indivíduo se opunha à noção de Dewey, para quem a inteligência seria algo experimental e construtivo, integrado com os movimentos sociais e direcionador dos mesmos. Segundo o autor, a inteligência se desenvolve a partir das contribuições dos integrantes da sociedade que, por isso, se torna capaz de gerar um conhecimento de maior qualidade a ser disponibilizado para todos. Consoante o pragmatista, apenas alguns indivíduos seriam capazes de inventar um telefone, mas praticamente ninguém não conseguiria utilizar a

³⁶ DEWEY, John. *El hombre y sus problemas*, ob. cit., pp. 57-8 e 64.

³⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia ciência*, ob. cit., p. 68.

³⁸ DEWEY, John. *Liberalism and social action*, ob. cit., p. 57.

invenção, uma vez que ela tenha se tornado um mecanismo da vida associada. O autor afirma que as críticas contra a inteligência individual apenas revelam que, em geral, as pessoas não têm acesso à riqueza acumulada da humanidade de conhecimento, idéias e propósitos. Dewey valoriza a apropriação pelos indivíduos da inteligência e a resposta a ela, integrada ao meio em que se vive.³⁹ Para Dewey, o conhecimento decorre da associação e da comunicação, depende da tradição, das ferramentas socialmente transmitidas; os hábitos de reflexão e observação não são poderes inatos, mas adquiridos sob a influência da cultura e instituições sociais.⁴⁰

Nesse ponto, Dewey conecta a discussão sobre inteligência social com a idéia de liberdade de expressão. Assim, associando esta discussão àquela realizada no momento em que tratamos de comunidade, podemos concordar com o autor quando defende que é condição para um público democraticamente organizado a liberdade na investigação social e na distribuição de suas conclusões.⁴¹

O autor segue dizendo que o melhor pode ser inimigo do ainda melhor. Para Dewey, a grande ênfase e dedicação que se tem oferecido nos últimos séculos em prol da efetivação da liberdade de expressão foram de valor inestimável para a humanidade; no entanto, quando o pragmatista se refere à inteligência social, ele quer dizer mais do que isso. No campo da política, na maioria das vezes a inteligência é identificada com a discussão, com o conflito entre os partidos; mas não necessariamente tais discussões estarão conectadas com as realidades por trás delas. A demanda por maior imparcialidade e honestidade dos políticos não conduz por si ao aproveitamento da inteligência social. Além de garantir e insistir no aumento da garantia de que todos tenham acesso ao conhecimento que é gerado sobre a humanidade, o autor defende a criação e condução de planejamentos que lidem com os problemas da organização social. Nesse contexto, afirma que o que se sabe sobre o ser humano e as relações sociais deve não somente ser divulgado, mas deve servir de base para o direcionamento e estabelecimento dos projetos relacionados com a sociedade, para a invenção e a projeção de planos sociais de longo alcance.⁴²

³⁹ DEWEY, John. *Liberalism and social action*, ob. cit., pp. 50-1, 58 e 72.

⁴⁰ DEWEY, John. *The public and its problems*, ob. cit., p. 158.

⁴¹ DEWEY, John. *Liberalism and social action*, ob. cit., p. 168.

⁴² DEWEY, John. *Liberalism and social action*, ob. cit., pp. 72-3 e 76.

Mas a pergunta “o que deve ser feito” não pode ser ignorada. As idéias precisam ser organizadas e essa organização implica uma organização dos indivíduos que compartilham dessas idéias e cuja fé está pronta para ser traduzida para ação.⁴³

Assim, como afirma Caspary, a inteligência social para Dewey se refere a métodos de investigação na ciência e na ética e às opções inovadoras que eles produzem. O entendimento de que a inteligência é social traz duas implicações, basicamente: 1) a inteligência é capaz de se expandir a cada geração; 2) ela pode ser disponibilizada para todos os cidadãos através de adequadas educação e disseminação de idéias. Esta é a resposta de Dewey aos “realistas democráticos”, cujas principais críticas já foram analisadas brevemente neste trabalho⁴⁴, estando dentre elas a de que o indivíduo, isolado, não disporia das características pessoais necessárias ao convívio democrático.⁴⁵

Damico esclarece que, para Dewey, uma decisão a respeito do que é desejável socialmente deve ser adiada até que o problema particular que a originou seja compreendido. Ao falar sobre inteligência social, a filosofia de Dewey sugere uma forma de experimentalismo social baseado na idéia de tentativa-erro em relação aos fins e meios selecionados. Isso se dá já que cada idéia precisa ser testada no mundo pelas suas conseqüências, não sendo suficiente apenas a teorização acerca de sua implementação. O instrumentalismo de Dewey tem o papel não de transformar o sistema social em uma *boa sociedade*, mas de resolver problemas dentro da sociedade com o fito de promover melhorias específicas na qualidade de vida das pessoas.⁴⁶

Dito isso, percebemos que Dewey demonstra, através de seus escritos políticos, insatisfação em relação à forma como a sociedade estava organizada. E, tendo em vista o instrumentalismo que permeia todo seu pensamento, o autor não poderia deixar de se posicionar sobre a necessidade de se agir para que as mudanças sociais se dessem. A forma como o autor desenrola suas idéias nesse ponto pode ser explicada a partir de sua noção de “engenharia social”.

O que já foi escrito até aqui neste trabalho mostra que Dewey, quando se reporta à preocupação com a transformação social, a trabalha por meio de uma

⁴³ “But the question of ‘what is to be done’ cannot be ignored. Ideas must be organized, and this organization implies an organization of individuals who hold these ideas and whose faith is ready to translate itself in action.” (Ibid., p. 91).

⁴⁴ V. nota 59.

⁴⁵ CASPARY, William R, ob. cit., p. 44.

⁴⁶ DAMICO, Alfonso, ob. cit., pp. 47-50 e 55.

reforma social. Dewey defende que deve haver uma transformação social radical, mas não aponta para uma revolução ou ruptura violenta das bases sociais. Caso esse procedimento fosse adotado, destruiria seu próprio fim, diz o autor. Em contraste, a reforma social deve ser radical no sentido de que deve se utilizar do próprio poder da sociedade para provocar a melhoria das conseqüências sociais dos sistemas político e econômico, já que Dewey confia na inteligência social. A transformação da sociedade deve ocorrer por meio da democracia.⁴⁷ Ao se utilizar do termo radical, Dewey procura enfatizar a necessidade de grandes mudanças nas instituições sociais, econômicas, legais e culturais existentes; a adoção de política que produza mudanças sociais drásticas, ainda que graduais.⁴⁸

Com isso, Dewey defende a idéia de que fins democráticos somente podem ser alcançados através de meios democráticos. Portanto, ainda que um governo se proclame democrático e pregue fins democráticos, somente o será caso suas linhas de ação também o sejam. Nas palavras do autor: “Ela [democracia] significa também ênfase primordial sobre os *meios* pelos quais esses fins serão realizados”.⁴⁹ Assim, a democracia não somente é um meio, mas é o meio, o melhor encontrado até agora, para realizar fins na ampla esfera de relações humanas e para o desenvolvimento da personalidade humana. Conforme assevera Dewey, “O princípio fundamental da democracia é que os fins da liberdade e individualidade para todos somente podem ser alcançados por meios de acordo com esses fins.”⁵⁰

Para Bernstein, uma vez que integra o ideário democrático de Dewey a noção de que as contingências e novas situações a serem enfrentadas simplesmente não possam ser antecipadas com rigor e certeza, os desafios da democracia são inesperados. Isso significa que a política democrática não confia nas instituições e práticas correntes, mas se esforça para responder às novas necessidades sociais e por formular permanentemente respostas inovadoras à pergunta “quais mudanças positivas e construtivas devem ser instituídas nos arranjos sociais?”. Imaginar uma resposta a essa pergunta é uma tarefa a ser

⁴⁷ DEWEY, John. *El hombre y sus problemas*, ob. cit., pp. 156-64.

⁴⁸ ALEXANDER, Thomas M. e HICKMAN, Larry A. (ed.), ob. cit., pp. 338-9.

⁴⁹ “It [democracy] signifies also primary emphasis upon the *means* by which these ends are to be fulfilled.”. (DEWEY, John. *Democracy is Radical*. In: ALEXANDER, Thomas M. e HICKMAN, Larry A. (ed.), ob. cit., p. 338).

⁵⁰ “The fundamental principle of democracy is that the ends of freedom and individuality for all can be attained only by means that accord with those ends.” (Ibid., p. 338).

realizada recorrentemente segundo o ideal democrático de Dewey. O autor, portanto, associou a democracia à criatividade devido ao fato de aquela estar permanentemente se confrontando com a tarefa de se criar e se recriar.

Mas isso não é tudo, não esgota o potencial do experimentalismo trazido pelo pragmatismo de Dewey. O pragmatismo não apenas chama a atenção para a potencialidade da idéia “concretize o ideal democrático”. Como diz Dewey:

O método experimental não significa apenas passar o tempo ou fazer alguma coisa aqui e outra ali na esperança de que as coisas irão melhorar. Justamente como nas ciências físicas, sugere um corpo coerente de idéias, uma teoria, que dá direcionamento ao esforço. O que é sugerido, em contraste com qualquer forma de absolutismo, é que as idéias e a teoria sejam consideradas como métodos de ação testados e continuamente revisados pelas conseqüências que produzem nas condições sociais existentes. Uma vez que são operacionais na natureza, elas modificam condições; enquanto o primeiro requisito, aquele de baseá-las em um estudo realista das condições reais, traz sua contínua reconstrução.⁵¹

Brandom ajuda a compreender o passo além dado pelo pragmatismo. Para tanto, traz à discussão a distinção entre intenção e crença em um certo contexto. Assim, enquanto a intenção se dá no sentido “mundo → mente”, ou seja, seu objetivo é que o mundo se conforme às nossas atitudes, a crença se dá no sentido oposto, determinando que as nossas atitudes se conformem ao mundo. Enquanto o Iluminismo trouxe a idéia de que podemos conformar o mundo de acordo com os nossos desejos, que podemos abrir mão da idéia de que as coisas devem ser adaptadas ao formato ideal transcendental, os pragmatistas foram além. Eles rejeitaram o dualismo da esfera prática com somente uma direção, a de se enquadrar, e da esfera teórica com também somente uma direção, a de complementar. Esse dualismo foi quebrado com a idéia de processo cíclico de intervenção e aprendizado; de percepção de alguma situação (chamada de inicial), atuação nela, percepção do resultado dessa ação e novamente atuação na mesma situação. Nesse ciclo, que pode se repetir indefinidamente, as crenças adquirem conseqüências práticas e as intenções passam a ter condições teóricas. Consoante Brandom:

⁵¹ “Experimental method is not just messing around nor doing a little of this and a little of that in the hope that things will improve. Just as in the physical sciences, it implies a coherent body of ideas, a theory, that gives direction to effort. What is implied, in contrast to every form of absolutism, is that the ideas and theory be taken as methods of action tested and continuously revised by the consequences they produce in actual social conditions. Since they are operational in nature, they modify conditions while the first requirement, that of basing them upon a realistic study of actual conditions, brings about their continuous reconstruction.” (DEWEY, John. *The future of liberalism*. In: *The journal of Philosophy*, vol. 32, n. 9, abr 1935, p. 228).

Nesse nível, os pragmatistas não estão modelando o teórico no prático como a tradição concebeu essas categorias, mas atribuindo um novo conceito tanto nos termos dos processos de adaptação ecológica de interação do organismo quanto do ambiente do tipo exemplificado pela evolução e aprendizado.⁵²

Isso significa que, quando estamos diante do desejo de concretizar o ideal democrático e, para tanto, imaginar instituições que sejam capazes de fazê-lo, não devemos observar essas duas categorias em separado.⁵³ Ao invés disso, diz Lon Fuller: “devemos observar uma instituição como algo ativo, projetando-se num campo de forças em interação, remodelando essas forças de formas diversas e em graus variados”.⁵⁴ Nenhum fim abstratamente concebido permanece o mesmo quando tornado concreto através de alguma forma de implementação social. Isso significa que não apenas fins são escolhidos e meios delineados, mas ambos são objetos, continuamente, dos dois tipos de ação. Dessa forma, a pergunta “esta instituição serve bem àquele fim?” é substituída por “esta instituição cria um padrão de vida que é satisfatório?”.

Com a ajuda de Fuller compreendemos mais uma contribuição da obra de Dewey: identificar essa espiral de meios e fins e, diante disso, elucidar que o trabalho pela concretização da democracia não está terminado quando (1) determinamos que é em direção ao ideal democrático que desejamos caminhar e (2) imaginamos uma instituição que, em tese, o “concretizaria”. Mais adequado do que dizer que o ideal democrático necessita de instituições para se realizar é afirmar que, em cada passo rumo à sua institucionalização, ele encontra formas de se realizar. E as escolhas que serão feitas, diante dos infinitos conjuntos de alternativas dispostas, através de seu constante diálogo com a prática e teoria

⁵² “At this level, the pragmatists are not modeling the theoretical on the practical as the tradition had conceived these categories, but reconceptualizing both in terms of ecological-adaptation processes of interaction of organism and environment of the sort epitomized by evolution and learning” (BRANDOM, Robert B.. *The pragmatist Enlightenment (and its problematic semantics)*. In: *European Journal of Philosophy* 12:1, 2004, p. 10).

⁵³ Diz Dewey: “The form of an attained end or consequence is always the same: that of adequate co-ordination. The content or involved matter of each successive result differs from that of its predecessors; for, while it is a reinstatement of a unified on-going action, after a period of interruption through conflict and need, it is also an enactment of a new state of affairs. It has the qualities and properties appropriate to its being the consummatory resolution of a previous state of activity in which there was a peculiar need, desire, and end-in-view.” (DEWEY, John. *The continuum of ends-means*. In: ARCHAMBAULT, Reginald D. (ed.). *John Dewey on education: selected writings*. Chicago: University of Chicago, 1964, pp. 105-6).

⁵⁴ ““we have to see an institution as an active thing, projecting itself into a field of interacting forces, reshaping those forces in diverse ways and in varying degrees.” (FULLER, Lon L. *Means and ends*. In: *The principles of social order: selected essays of Lon L. Fuller*. Portland: Hart, 2001, p. 68).

democráticas, representarão o colorido que a imaginação humana for apta a oferecer.

Ao propor a reforma social, Dewey dizia mais do que “pensemos nos meios para a realização dos ideais”. Dizia que pensar ideais implica pensar as instituições que os concretizarão, as práticas que os manifestarão, os agentes, públicos ou privados, que por sua efetivação serão responsabilizados. Não exercer essa segunda tarefa é deixar pela metade o trabalho pela gradual incorporação da democracia na sociedade. Dessa forma, implementar a reforma social implica uma tarefa programática: significa imaginar, a cada momento, o passo a ser dado e, a partir do impacto social dessa medida, planejar o passo seguinte e efetuar-lo.

Assim, por meio da concepção de engenharia social Dewey revela: 1) a necessidade de uma reforma social radical, nos termos acima discutidos; e 2) a possibilidade e a importância de que as mudanças sociais se dêem a partir de direcionamentos estabelecidos pela própria sociedade. Como diz Dewey, “se será encontrada uma solução, será por meio do desejo, da inteligência e do esforço do homem”.⁵⁵

4.3

A democracia como ideal

“Por mais importância que possa existir em conhecer os autênticos motivos que guiaram a conduta da humanidade até hoje, talvez seja ainda mais importante para o homem do conhecimento, saber quais são aqueles em que o homem pode acreditar, ou seja, aqueles que a sua imaginação pode considerar como a alavanca dos seus atos até agora, uma vez que a sua felicidade e sua íntima miséria são efeitos da fé que teve nestes ou naqueles motivos, e não naquilo que foi o autêntico motivo. O autêntico motivo tem apenas um interesse secundário.”⁵⁶

Para Dewey, o fundamento do ideal da democracia é a fé nas capacidades da natureza humana, na inteligência humana e no potencial colaborativo da

⁵⁵ “Si se encuentra una solución, será por medio del deseo, de la inteligencia y el esfuerzo del hombre.” (DEWEY, John. *El hombre y sus problemas*, ob. cit., p. 42.).

⁵⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia ciencia*, ob. cit., p. 65.

experiência associada. A palavra “fé” aqui empregada nos indica a crença de que, caso sejam fornecidas oportunidades adequadas, esses potenciais se desenvolverão.⁵⁷

São numerosas as vezes em que, ao se referir à democracia, Dewey a associa à noção de crença. Para compreendermos o que o autor procura demonstrar com essa idéia recorreremos à sua obra “A Common Faith”.

Nessa obra, o autor procura demonstrar a diferença entre a “religião” e o “religioso” ao propor que os aspectos sobrenaturais freqüentemente conectados com a idéia de religião sejam afastados da noção de experiência religiosa. O autor afirma que muitos traços das religiões serviram a propósitos e contextos de outros tempos e já não mais atendem aos anseios atuais. Propõe que, através de um exercício imaginativo, se pergunte qual idéia do oculto, sua maneira de controle sobre nós e as formas pelas quais a reverência e a obediência poderiam ser exercidas, de modo que o que é religioso na experiência possa se expressar livremente, não mais sob o jugo de acobertamentos históricos.⁵⁸

Ao se orientar por esse caminho, Dewey afirma que a única coisa que pode ser dita em relação às experiências religiosas é a existência de um complexo de condições que realizaram um ajustamento na vida ou uma reorientação que traz consigo um senso de segurança e paz. Como a interpretação particular dada a esse complexo é dada pela cultura na qual o indivíduo que o experiencia está inserido, ela recebe diferentes nomes. O autor procura ressaltar, a partir dessas palavras, que o efeito produzido por esse complexo é o melhor ajuste à vida e às suas condições é e nesse efeito em que devemos nos concentrar, não na forma ou eventual causa transcendental de sua produção.⁵⁹ Caso esse tipo de experiência fosse destacado e se tornasse independente de certos tipos de práticas e crenças (que constituem as religiões), muitas pessoas descobririam que ter experiências com essa qualidade, chamada de religiosa pelo autor, é algo muito mais freqüente do que se imagina. Para alguns é decorrência de devoção a uma causa; para outros advém da leitura de um poema ou por meio da reflexão filosófica, por exemplo.⁶⁰

⁵⁷ DEWEY, John. *El hombre y sus problemas*, ob. cit., pp. 70-1.

⁵⁸ DEWEY, John. *A common faith*. New Haven e Londres: Yale University, 1991, pp. 1-7.

⁵⁹ *Ibid.*, pp. 13-14.

⁶⁰ *Ibid.*, pp. 14-15.

Dewey diz ainda que por muito tempo se pensou que seria preciso reconhecer que a fé ⁶¹ seria uma substituta para o conhecimento, uma prova do oculto, o que a atribuiu a obrigação de dispor, portanto, de um maquinário intelectual capaz de provar sua autenticidade. No entanto, se deixou de lado a importância moral e prática da crença: a convicção de que um fim deve agir de forma suprema na conduta (onde convicção significa ser conquistado, vencido, tomado por um fim ideal, conscientização da certeza de sua busca em relação aos desejos e propósitos). Esse reconhecimento é antes prático que intelectual e em relação a ele não há qualquer prova que possa ser apresentada a qualquer possível observador. ⁶²

Dessa forma, retomando-se o questionamento feito no início deste ponto a respeito das conseqüências do afastamento da idéia do sobrenatural em relação à de religião, vemos que o poder oculto que outrora controlava os destinos se transforma no poder de um ideal. Isso significa que: 1) todas as possibilidades são ideais, na medida em que se encontram na imaginação antes de serem, ou não serem, concretizadas; 2) qualquer busca por algo melhor é movida por uma crença em algo que ainda não existe, não por apego a algo que já existe; 3) essa crença não depende da certeza intelectual a respeito dela mesma. ⁶³ *Despida de figuras místicas, ritos sagrados e poderes sobrenaturais, uma crença se torna um ideal.*

Dewey então ressalta o poder de uma crença, ou seja, sua capacidade de impulsionar ações. Em defesa, o autor diz que não há oposição entre a inteligência e a ação nem mesmo entre a primeira e a emoção. Durante a história da humanidade, se verificou que diversas e inúmeras idéias podem ser objeto de emoção que de forma arrebatadora condiciona a prática; revoluções sociais se iniciaram dessa forma, tamanho é o poder de uma crença. Dessa forma, um ideal potencialmente inspira a prática humana, incentivando a tomada de ações rumo aos propósitos desejados. Dewey defende que esse poder inspirador da conduta humana pelo ideal seja liberto das implicações institucionalizadas por religiões para que sua conseqüente possibilidade de alteração das relações sociais se torne uma prática cada vez mais presente. ⁶⁴

⁶¹ A partir da leitura da obra citada (*A common faith*) se depreende que o autor utiliza os termos “fé” e “crença” como sinônimos.

⁶² DEWEY, John. *A common faith*, ob. cit., pp. 19-21.

⁶³ *Ibid.*, 23-24.

⁶⁴ *Ibid.*, pp. 80.

Nesses termos, Dewey afirma que a democracia é uma crença. Não somente (1) aceita o fato de a mesma ser antes de mais nada um ideal, mas (2) argumenta que sua defesa seja livrada da carga de fundacionismo que a cerca e (3) incentiva que a força da busca por um ideal seja reconhecida e seja dedicada à instauração/manutenção da democracia.

Para o autor, no contexto da idéia (1) exposta no parágrafo acima, a democracia é uma crença no alcance de uma melhor qualidade da experiência:

Mas eu faria uma única pergunta: podemos encontrar alguma razão que em última instância não queira dizer que a crença nos arranjos sociais democráticos promovem uma melhor qualidade da experiência humana, que é mais amplamente acessível e aproveitada, que as formas de vida social não democráticas e anti-democráticas? A razão de nossa preferência não é que acreditamos que a consulta aos demais e as convicções alcançadas pela persuasão tornam possível uma qualidade de experiência superior do que a que pode ser oferecida de outra forma em larga escala? (...) (e pessoalmente eu não vejo como podemos justificar nossa preferência pela democracia e humanidade sob qualquer outro fundamento).⁶⁵

Caso Dewey sustentasse a idéia da democracia como algo a priori, o autor iria de encontro à sua filosofia crítica de fundacionismos. No entanto, partindo da idéia de que cada contexto específico demanda um olhar que leve em conta suas peculiaridades, ele afirma que, no contexto em que viveu, a democracia parecia ser a forma de governo e a forma de vida mais apropriada. Dewey reconhecia que ter esperança no progresso da humanidade não era algo que poderia ser “provado” ou defendido filosoficamente sem que se incorresse nos mesmos erros daquelas formas de filosofia que ele critica. Portanto, atribuiu filosoficamente à democracia a categoria de crença. Assim, não há como justificar que o ser humano deve viver de forma democrática, mas há como dizer por que uma crença na democracia pode ser útil para que se tenham experiências mais ricas.

Dewey afirma que “a democracia é a crença na habilidade da experiência humana em gerar objetivos e métodos pelos quais as experiências futuras crescerão em riqueza ordenada”. Com isso, quer dizer que, enquanto qualquer outra forma de fé moral ou social jaz sobre a idéia de que a experiência em algum

⁶⁵ “But I would ask a single question: Can we find any reason that does not ultimately come down to the belief that democratic social arrangements promote a better quality of human experience, one which is more widely accessible and enjoyed, than do non-democratic and anti-democratic forms of social life? (...) Is it not the reason for our preference that we believe that mutual consultation and convictions reached through persuasion, make possible a better quality of experience than can otherwise be provided on any wide scale? (...) (and personally I do not see how we can justify our preference for democracy and humanity on any other ground).” (DEWEY, John. *Experience and education*, ob. cit., pp. 34-5).

ponto precisa ser submetida a alguma forma de controle externo aos processos de experiência, a democracia crê que o processo da experiência é mais importante que qualquer resultado especial. Ao ser comparada a outras formas de vida, a democracia é a única que crê no processo da experiência como fim e meio.⁶⁶

Conforme Bernstein elucidada, a perspectiva deweyana é de que somos criaturas capazes de inteligência, de imaginativamente conceber novos ideais que inspirarão a reconstrução das condições existentes através de redirecionamentos. Além disso, somos seres emocionais e passionais capazes de lealdade suprema a esses ideais flexíveis que, em algum nível, julgamos adequados para guiarem nossas vidas.⁶⁷

4.4

A democracia como forma de vida, coletiva e individual

Como vimos, as idéias de Dewey se baseiam no reconhecimento da interação indivíduo e condições culturais, ou seja, na aceitação de que o primeiro influencia a forma como tais condições se configurarão e vice-versa. Isso significa que, onde as realidades sociais são a cultura e a natureza humana é compreendida à luz da interação, as instituições políticas são observadas como parte de uma rede ampla de relações. Nesse contexto, o termo “democracia” carrega muitos sentidos. Segundo Damico, ela quer dizer: uma forma de governo; um conjunto de procedimentos e liberdades que tornem o Estado responsável pelo que é público; e uma forma de vida, onde as instituições sociais são marcadas pela atitude “científica” ou “inteligente”.⁶⁸

Dewey escreve que há uma distinção entre pensar a democracia como uma idéia social e como um sistema de governo. Para que a democracia como idéia social seja realizada, precisa estar presente em todas as formas de associação humana, como a família, o trabalho e a religião. Nesse quadro, os arranjos

⁶⁶ “democracy is belief in the ability of human experience to generate the aims and methods by which further experiences will grow in ordered richness.” DEWEY, John. *Creative democracy: the task before us*. In: ALEXANDER, Thomas M. e HICKMAN, Larry A. (ed.), ob. cit., p. 343.

⁶⁷ BERNSTEIN, Richard. *John Dewey*. Atascadero: Ridgeview, 1966, p. 164.

⁶⁸ DAMICO, Alfonso, ob. cit., p. 118.

políticos são apenas mecanismos para assegurar a democracia como idéia social, canais para que ela efetivamente opere.⁶⁹

Nessa linha, para Dewey a democracia é uma forma de vida. É uma forma de vida individual, significa a posse e o contínuo uso de certas atitudes que formam o caráter pessoal e determinam o desejo e o propósito em todas as relações de vida. Ao escrever que a democracia é uma “forma de vida”, Dewey se posiciona quanto ao que entende por participação. Como podemos perceber, o autor está mais preocupado em frisar que o ideal da democracia deve estar presente permanentemente na vida dos cidadãos ao dirigir suas relações nas infinitas associações de que fazem parte; a preocupação com a participação dos cidadãos diretamente nas decisões e rumos do governo é menos prezada quando a comparamos à primeira.⁷⁰

A democracia não surgiu de uma escolha a partir de um conjunto de forças que apresentavam a possibilidade do maior bem com o menor mal; uma visão assim simplifica por demais a questão. A maior mudança sempre é o resultado de muitas adaptações e acomodações, cada uma para uma situação particular:

A democracia política emergiu como um tipo de conseqüência em rede da vasta multidão de ajustes em resposta a um vasto número de situações, as quais nem apenas duas eram semelhantes, mas que tendiam a convergir a um resultado comum. A convergência democrática, ademais, não era o resultado de forças e atuações políticas distintas. A democracia é muito menos o produto da democracia, de algo inerente, ou uma idéia imanente.⁷¹

Ao falar sobre democracia, precisamos reiterar que não foi *ela* quem criou os mecanismos do sufrágio universal, representantes eleitos, regra da maioria etc.; tais são o resultado da transição do governo dinástico para o popular. As idéias de que o governo existe para servir à comunidade, que seu propósito não pode ser atingido a não ser que a comunidade mesma compartilhe na seleção de governantes e na determinação de suas políticas, estão presentes, até onde enxergamos, nas doutrinas e formas democráticas expressando sua parcela

⁶⁹ DEWEY, John. *The public and its problems*, ob. cit., p. 143.

⁷⁰ FESTENSTEIN, Matthew. *Pragmatism and political theory: from Dewey to Rorty*, ob. cit., p. 95.

⁷¹ “Political democracy has emerged as a kind of net consequence of a vast multitude of responsive adjustments to a vast number of situations, no two of which were alike, but which tended to converge to a common outcome. The democratic convergence, moreover, was not the result of distinctive political forces and agencies. Much less is democracy the product of democracy, of some inherent nusus, or immanent idea.” (DEWEY, John. *The public and its problems*, ob. cit., p. 84).

política. Além disso, a crença nesse aspecto político não é uma fé mística como em alguma providência divina, mas uma conclusão a partir da análise dos fatos históricos.

Mas também é preciso dizer que esses instrumentos não são sagrados, foram utilizados na direção em que a corrente se movia para servir a seus propósitos. A corrente acabou por se estabilizar em uma direção: formas democráticas. Portanto, temos todas as razões para crer que, quaisquer que sejam as mudanças ocorridas com a democracia, serão na direção de tornar o interesse do público mais senhor da atividade governamental.

Sendo assim, a primeira dificuldade para fortalecer essa democracia é descobrir os meios pelos quais o público confuso pode se reconhecer, se definir e expressar seus interesses.⁷² O problema não está em sugerir novas formas de democracia; muitas já foram sugeridas. Para Dewey, o grande problema é: a busca pelas condições que permitirão que a Grande Sociedade se torne a Grande Comunidade.⁷³ Dewey afirma que a democracia se torna a própria idéia de comunidade: “A clara consciência da vida em comunidade, em todas as suas implicações, constitui a idéia de democracia.”⁷⁴ Para Dewey, a democracia não é uma alternativa para os princípios da vida associativa, é a própria idéia de comunidade.

Aos elementos que até aqui caracterizaram o modo de vida democrático defendido por Dewey, cabe acrescentarmos mais um: a responsabilidade. A lógica de contingência trazida pelo pragmatismo para a política introduz responsabilidade à vida intelectual. Idealizar o universo e as relações sociais é, acima de tudo, uma confissão de inabilidade em controlar o curso das coisas que nos concernem. Retirar o fardo do controle sobre as coisas das costas de uma causa transcendente significa acatá-lo e ter de lidar com ele. Ao assumirem modéstia, a filosofia e a política adquirem responsabilidade.⁷⁵ A responsabilidade, explica Dewey, é o poder de ser influenciado pelas conseqüências previsíveis, é o elemento da atitude intelectual que permite pesar com antecedência as prováveis conseqüências de um ato e deliberadamente aceitá-

⁷² DEWEY, John. *The public and its problems*, ob. cit., p. 146.

⁷³ DEWEY Ibid., p. 147.

⁷⁴ “The clear consciousness of a communal life, in all its implications, constitutes the idea of democracy.” (Ibid., p. 149).

⁷⁵ DEWEY, John. *The influence of Darwinism on philosophy*. In: CAPPS, Donald e CAPPS, John M. (ed.), ob. cit., p. 187.

las.⁷⁶ Assumir que, com nossos atos, influenciaremos as ações posteriores significa nos comprometer com o resultado delas. Quando essa postura é traduzida para a arena política, almejar a democracia significa se comprometer com atitudes pessoais e sociais que serão capazes de promover essa forma de vida.

Nesse contexto, do ponto de vista do indivíduo a democracia consiste em aceitar a responsabilidade por, de acordo com sua capacidade, formar e direcionar as atividades do grupo a que alguém pertence e participar de, acordo com a necessidade, no que representa os valores que o grupo sustenta. Fornece um padrão moral para a conduta pessoal, significa a posse e o uso contínuo de certas atitudes, formando-se o caráter e determinando-se o desejo e o propósito em todas as relações da vida.⁷⁷ A partir dela, propõe-se que cada membro da sociedade seja uma pessoa livre, que caminhe com os próprios pés, e que aceite as responsabilidades e deveres que essa posição de membro efetivo da sociedade implica. Para isso, é necessário que os cidadãos de alguma forma expressem suas próprias necessidades, desejos e concepção de como os assuntos sociais devem ser manejados.⁷⁸

Já do ponto de vista dos grupos, a democracia “demanda a liberação das potencialidades dos membros de um grupo em harmonia com os interesses e bens que são comuns.”⁷⁹ Tendo em vista que cada indivíduo é membro de vários grupos, essas especificações somente podem ser preenchidas quando grupos diferentes interagem flexivelmente com outros. Nessas situações se expressam as potencialidades que, para tanto, demandam a interação dos grupos.⁸⁰

⁷⁶ DEWEY, John. *The study of ethics: a syllabus*. Whitefish: Kessinger, 2005, p. 123 e DEWEY, John. *Democracia e educação*, ob. cit., pp. 196-7.

⁷⁷ DEWEY, John. *Freedom and culture*, ob. cit., p. 101; e DEWEY, John. *Creative democracy: the task before us*. In: ALEXANDER, Thomas M. e HICKMAN, Larry A. (ed.), ob. cit., p. 341.

⁷⁸ DEWEY, John. *El hombre y sus problemas*, ob. cit., p. 43.

⁷⁹ Quando fala em “liberação”, Dewey se refere à liberdade positiva. Isso pois a idéia de forçar alguém à liberdade parecia uma contradição em termos. Dessa forma, liberdade se torna liberação, encontrando sua dimensão ativa, opondo-se ao que se considerava liberdade negativa, ou seja, a ausência de interferência. Afirmar que a liberdade é liberação significa reforçar a parcela positiva, ativa, de interferência, da liberdade. Por isso, ao dizer que a democracia individualmente é uma liberação de poderes o autor defende uma maior diversidade das capacidades pessoais, uma oportunidade de realização das potencialidades do indivíduo ofuscadas pelas condições de status familiar, restrições legais desiguais e autoridades externas. Como diz Dewey, se somos livres é pela possibilidade de nos tornarmos diferentes do que temos sido. (KLOPPENBERG, James T., ob. cit., p. 396; DEWEY, John. *Philosophies of freedom*. In: GOUINLOCK, James. *The moral writings of John Dewey*. New York: Prometheus Books, 1994, p. 206).

⁸⁰ “ (...) it demands liberation of the potentialities of members of a group in harmony with the interests and goods which are common.”. (DEWEY, John. *The public and its problems*, ob. cit., p. 147.).

Considerando a relação entre as idéias de democracia, comunidade e comunicação temos que o papel da persuasão, discussão, formação da opinião pública dos fatos assegurados pelas garantias efetivas da livre investigação, livre associação, livre comunicação e livre expressão são valorizados. Qualquer coisa que seja uma barreira à liberdade e à plenitude da comunicação divide os homens em tipos, em facções antagonistas e subverte a forma de vida democrática. Qualquer forma de vida que falhe em seus limites democráticos limita os contatos, as trocas, as comunicações, as interações em que a experiência é aumentada e enriquecida.⁸¹

Para Dewey, a democracia requer que cada indivíduo seja partícipe dos processos de tomada de decisão das autoridades, de modo que as necessidades e desejos dos cidadãos tenham a oportunidade de se fazer presentes na determinação da política coletiva. Ao mesmo tempo, é imperativo para a realização da democracia a discussão e consulta recíprocas com o propósito de que se reúnam todas essas expressões individuais e as mesmas alcancem o governo. A urna eleitoral e a regra da maioria são símbolos e expressões dessas situações.⁸²

Para alcançar isto:

Creio que a crise que temos atravessado produzirá algum fruto útil se aprendermos com ela que cada geração deve tomar para si a tarefa de realizar de novo a democracia, a qual por sua natureza e essência não é suscetível de ser transmitida por uma pessoa ou uma geração a outra, mas deve ser elaborada em função das necessidades, problemas e condições da vida social da qual, com o passar dos anos, tomamos parte: uma vida social que muda com extrema rapidez de ano em ano. Invadem-me o ressentimento e uma verdadeira tristeza quando, em relação aos problemas sociais, econômicos e políticos da atualidade, as pessoas simplesmente olham para trás, como se no passado pudessem encontrar um modelo para o que devemos fazer hoje.⁸³

Dito isso, outro aspecto da democracia a ser realçado por Dewey é o de que ela é algo que precisa ser mantido, ou seja, que não subsistirá automaticamente. Assim, da mesma forma que o mero agrupamento das pessoas

⁸¹ DEWEY, John. *Creative democracy: the task before us*, ob. cit., pp. 340-3.

⁸² DEWEY, John. *El hombre y sus problemas*, ob. cit., p. 44.

⁸³ “Creo que la crisis por la que hemos atravesado producirá algún fruto útil, si hemos aprendido por ella que cada generación deve tomar sobre sí la tarea de realizar de nuevo la democracia, la cual por su naturaleza y esencia no es susceptible de ser transmitida por una persona o una generación a otra, sino que deve ser elaborada en función de las necesidades, problemas y condiciones de la vida social de la cual, al correr de los años, formamos parte: una vida social que cambia con extremada rapidez de año en año. Me invaden el resentimiento y una verdadera tristeza cuando, en relación con los problemas sociales, económicos y políticos de la actualidad, la gente mira simplemente hacia atrás, como si en el pasado se pudiese encontrar un modelo para lo que devemos hacer hoy.” (DEWEY, John. *El hombre y sus problemas*, ob. cit., p. 49).

não constitui uma comunidade, mas para tanto é necessário que os membros da associação sustentem a vida em grupo emocional e intelectualmente, a democracia requer esforços conscientes para sua manutenção. Dewey pretende mostrar que ela não é apenas uma forma de governo.

A democracia em sua origem não foi produto de deliberação e esforço consciente, como já dito neste trabalho, mas mantê-la e ampliá-la hoje o é. Ela não se perpetua automaticamente, é preciso um esforço consciente nessa direção.⁸⁴ Assim, o compromisso de Dewey com o que aborda sob o termo “inteligência” se transfere para o comprometimento da democracia com a participação e com a noção de idéias em ação, tendo como resultado a forma de vida democrática.⁸⁵

As condições da indústria e comércio criadas pela tecnologia, no contexto do individualismo *enrugado* já tratado neste trabalho, produziram um problema para a organização e para a liberdade de forma totalmente não prevista. Em situações novas, são necessárias novas medidas. A questão é se as instituições democráticas de agora são capazes de efetuar a mudança.

A cultura tende a se manter e o faz ao provocar mudanças nas constituições nativas das pessoas, o que significa que as características biológicas e diferenças naturais atuam a partir de uma forma social dada. Essa tarefa requer esforço inventivo e atividade criativa pois não por muito tempo pensamos que a democracia se perpetuaria automaticamente, como se seus ancestrais tivessem criado uma máquina que resolveria o problema do movimento incessante da política:

Na minha opinião, o maior erro que se pode cometer no que se relaciona à democracia é concebê-la como algo fixo, fixo como concepção e em sua manifestação exterior. A verdadeira idéia de democracia, a significação de democracia, deve ser continuamente re-explorada; deve ser continuamente descoberta e redescoberta, refeita e reorganizada; e as instituições políticas, econômicas e sociais nas quais ela se acha encarnada devem ser refeitas e reorganizadas para fazer frente às mudanças que tomam lugar no desenvolvimento de novas necessidades e novos recursos para satisfazerem a essas necessidades.⁸⁶

⁸⁴ DEWEY, John. *Creative democracy: the task before us*, ob. cit., p. 341..

⁸⁵ DAMICO, Alfonso, ob. cit., p. 120.

⁸⁶ “En mi opinión, el más grande error que puede cometerse en lo que toca a la democracia es concebirla como algo fijado, fijado como concepción y en su manifestación exterior. La verdadera idea de democracia, la significación de la democracia, debe ser continuamente reexplorada; debe ser continuamente descubierta y redescubierta, rehecha y reorganizada; y las instituciones políticas, económicas y sociales en las que se halla encarnada tienen que ser rehechas y reorganizadas para hacer frente a los cambios que tienen lugar en el desarrollo de nuevas

É importante ressaltar que a necessária criatividade atrelada à democracia pode levar à mudança de paradigma. Isso significa que, considerando que as premissas internas ao argumento estão abertas ao questionamento, Dewey não está vinculado necessariamente a nenhuma forma particular de vida, nem mesmo à democrática. O autor se utiliza de premissas éticas e científicas para construir seu argumento de defesa da democracia em seus termos, mas sua ênfase no que chama de pesquisa científica e na liberdade de investigação podem levá-lo a transcender seus pontos de partida e a uma mudança de paradigma. Dessa forma, a democracia é a forma de governo que permitirá/permitiria sua própria substituição por outro modelo que se apresentasse e, ainda que com muito custo, se provasse mais interessante à sociedade.⁸⁷

James Kloppenberg, em sua obra “Vitória incerta: democracia social e progressivismo no pensamento europeu e americano, 1870-1920”, apresenta um grupo de intelectuais que identifica sob o rol de “progressistas”. Inserindo Dewey no grupo, Kloppenberg afirma que os progressistas, no contexto mencionado, se caracterizaram pela crença de que a consciência da interdependência poderia propiciar que os indivíduos reconhecessem suas responsabilidades sociais e que a consciência da incerteza poderia propiciar uma atitude crítica em relação à autoridade. Além disso, sem objetivar uma educação como doutrinação política, acreditavam que a mesma criaria uma grande variedade de ação política. Em resumo, Kloppenberg insere Dewey no grupo que, entre 1870 e 1920, representava simultaneamente os ideais liberais e socialistas através da integração deliberada e democrática do interesse pessoal com o interesse público.⁸⁸

Um ideal ético que convoca homens e mulheres a construir comunidades em que as oportunidades e recursos necessários para que cada indivíduo concretize completamente suas capacidades e poderes estão disponíveis por meio da participação na vida política, social e cultural. Esse ideal se baseava numa “fé na capacidade dos seres humanos para julgamento e ação inteligentes se as condições apropriadas são fornecidas”.⁸⁹

necesidades y nuevos recursos para satisfacer estas necesidades.” (DEWEY, John. *El hombre y sus problemas*, ob. cit., pp. 56-7).

⁸⁷ CASPARY, William R., ob. cit., p. 21.

⁸⁸ KLOPPENBERG, James T., ob. cit., pp. 377-8 e 403.

⁸⁹ “The belief that democracy as an ethical ideal calls upon men and women to build communities in which the necessary opportunities and resources are available for every individual to realize fully his or her capacities and powers through participation in political, social, and cultural life. This ideal rested on a ‘faith in the capacity of human beings for intelligent judgment and action if proper conditions are furnished’ ”. (WESTBROOK. Robert B. *John Dewey and american democracy*, ob. cit., p. XV).

A democracia em Dewey não é apenas um comprometimento com o método, com o procedimento democrático; as idéias do autor apenas fazem sentido caso compreendamos seu compromisso com o valor de cada indivíduo. Somente a partir dessa premissa entenderemos por quê o ideal democrático de Dewey afirma que cada indivíduo possui algo a contribuir para a construção e vida em sociedade.⁹⁰ A fé democrática na igualdade humana é uma crença em que qualquer ser humano possui o direito de oportunidade igual a qualquer outra pessoa para o desenvolvimento de quaisquer dons que tenha.

Democracia é uma forma de vida operada pela fé em andamento nas possibilidades da natureza humana. Essa crença não dispõe de base nem significado a não ser que queira dizer a fé nas potencialidades da natureza humana da forma como essa natureza se exhibe em cada ser humano independentemente de raça, cor, sexo, nascimento e família, riqueza material ou cultural.⁹¹

Com isso, temos que para Dewey a democracia não se trata apenas de arranjos políticos pelos quais os cidadãos podem avaliar ou limitar o poder do Estado através da eleição de governantes, mas é algo além: exige que os cidadãos exerçam o poder em seus cotidianos. Por essa razão a democracia é, para Dewey, uma forma de vida.⁹² Em outras palavras, podemos dizer que o que Dewey aborda como democracia política é o meio para que o ideal democrático, que abrange compromissos com o valor do indivíduo e seu crescimento, seja concretizado.

Comprometimentos com valores e ideais, como aqueles em relação ao valor do indivíduo e à democracia, poderiam apontar um paradoxo no pensamento de um pragmatista? A fim de analisarmos a frase acima, será necessário vislumbrá-la a partir de outro ponto de vista: pensadores que defendem que a defesa de ideais descaracteriza o pragmatismo querem dizer, na verdade, que o comprometimento com ideais, *por estar fundado ou justificado em idéias ausentes da experiência humana*, afastam o autor da doutrina pragmatista. De qualquer forma, o que pretendemos neste parágrafo é retomar a proposta apresentada na seção anterior deste trabalho (item 3.3) segundo a qual é possível estar

⁹⁰ DAMICO, Alfonso, ob. cit., p. 120.

⁹¹ “Democracy is a way of life controlled by the working faith in the possibilities of human nature. That belief is without basis and significance save as it means faith in the potentialities of human nature as that nature is exhibited in every human being irrespective of race, color, sex, birth and family, of material or cultural wealth.” (DEWEY, John. *Creative democracy: the task before us*, ob. cit., p. 342).

⁹² DAMICO, Alfonso, ob. cit., p. 100.

comprometido com uma causa sem que se procure justificar filosoficamente tal sentimento com argumentos transcendentais ou absolutos.

Ao fugirem do fundacionismo, os pragmatistas poderiam cair no ceticismo. Com isso, queremos dizer que, deixando-se de lado a idéia de que há crenças fundamentadas em última instância, talvez a alternativa fosse duvidar de qualquer crença. No entanto, contrariando essas duas opções (fundacionismo e ceticismo), o pragmatismo opta pelo falibilismo. De acordo com esta idéia, uma crença, ainda que não necessariamente certa, não necessariamente deve ser posta em dúvida. Assim, o fato de algum nenhum conhecimento seja dado como indiscutível não leva à idéia de que ele deva ser considerado duvidoso sem boas razões para isso.⁹³ Por esse motivo, a rejeição pelos pragmatistas do fundacionismo não é incoerente com a defesa de Dewey do poder de um ideal.

Nem mesmo com a idéia de esperança. Nessa linha, Dewey defende que o problema do mal deixe de ser teológico ou metafísico e seja percebido como o problema prático de reduzir ou aliviar os males da vida. Diz que o pessimismo é uma doutrina paralisadora ao declarar que o mundo é indiscriminadamente mau e torna, conseqüentemente, fúteis os esforços para descobrir os remédios para seus problemas. O otimismo indiscriminado também teria as mesmas conseqüências. O otimismo que diz que o mundo já é o melhor possível pode ser igualado ao mais cínico dos pessimismos. Nesse aspecto Dewey defende o *meliorism*:

Melhorismo é a crença em que as condições específicas que existem em algum momento, sejam elas comparativamente ruins ou comparativamente boas, em qualquer situação podem ser melhoradas. Ele estimula a inteligência a estudar os significados positivos do que é bom e as obstruções à sua realização e então a empreender esforços para a melhoria de condições. Ele incentiva a confiança e uma esperança razoável de forma que o otimismo não faz.⁹⁴

As justificativas absolutas para argumentos garantem fins determinados; a crítica de Dewey ao fundacionismo, ao rejeitar tais justificativas, enfrenta a contingência, diante da qual somente se pode *esperar* que o futuro seja satisfatório. Da filosofia, o raciocínio se aplica à teoria política: podemos nos dedicar a reformas e a efetivas transformações sociais, mas os resultados desses

⁹³ WESTBROOK, Robert B. *Democratic Hope: pragmatism and the politics of truth*. Ithaca: Cornell University, 2005, pp. 3 e 4.

⁹⁴ “Meliorism is the belief that the specific conditions which exist at one moment, be they comparatively bad or comparatively good, in any event may be bettered. It encourages intelligence to study the positive means of good and the obstructions to their realization, and to put forth endeavor for the improvement of conditions. It arouses confidence and a reasonable hopefulness as optimism does not.” (DEWEY, John. *Reconstruction in philosophy*, ob. cit., p. 142.).

processos são imprevisíveis; tudo que temos a fazer é empreender esforços no sentido do que desejamos para a sociedade, mas sabendo que isso não determinará como será o futuro, poderá no máximo apontar direcionamentos que podem ser verificados com maior ou menor probabilidade. Assim, abrir mão da certeza de um final feliz para a sociedade, ainda que a longo prazo, e também da inafastável tragédia, são reflexos políticos da honestidade intelectual do pragmatismo e de sua humildade em reconhecer que a categoria “prever o futuro” não faz sentido.

4.5

Conclusão do capítulo

Dewey nos apresenta a uma democracia participativa e que os cidadãos, em comunidade, estão unidos menos por interesses homogêneos e mais pela educação; e cujas atitudes democráticas e instituições participativas, não a natureza humana ou o altruísmo, os tornam capazes de articular propósitos e ações em comum.⁹⁵

Sinteticamente, analisemos mais uma vez a progressão do argumento de Dewey ao defender a democracia. Inicialmente, lembramos do ponto de partida filosófico de Dewey, a crítica aos fundacionismos, ou seja, aos argumentos que não admitem o combate argumentativo por se basearem em premissas transcendentais ou de outras formas além da experiência. A partir daí, Dewey reconhece a contingência das situações da vida e valoriza as experiências carregadas pela diversidade, pois apontam novos pontos de vista e, dessa forma, enriquecem experiências futuras. Assim, a idéia de hábito sugere que se reconheçam os padrões sociais e individuais e a possibilidade de direcionamento de algumas condutas em prol de ideais sociais. Na seara da política, a democracia é a forma de governo, dentre as que conhecemos, que em maior alcance permite que as experiências sejam enriquecidas, uma vez que:

1) por meio da liberdade de expressão, permite que formas diversas de experiência sejam comunicadas àqueles que, de outra forma, não teriam acesso a elas, ou seja, reconhece o valor do indivíduo e defende que haja cada vez mais oportunidades para a liberação de capacidades;

⁹⁵ BARBER, Benjamin R., ob. cit., p. 117.

2) reconhece a importância da interação dos indivíduos para que as experiências plurais sejam vividas e comunicadas, protegendo espaços para que essas interações ocorram de forma satisfatória aos indivíduos;

3) considerando as mudanças constantes da sociedade, permite que outra forma de governo que atenda a novos anseios sociais criativamente se desenvolva e se instale;

4) sugere que o potencial da inteligência social e do poder da defesa de um ideal, por meio da educação e de reformas sociais, sejam utilizados e direcionados para um modelo social e político que atenda às vontades e desejos das pessoas reunidas em comunidade.

Apresentadas nos capítulos 2 e 3 deste trabalho as principais idéias que se relacionam na discussão de Dewey sobre democracia, no capítulo seguinte nos debruçaremos sobre a forma como autores contemporâneos observam esse debate.